N.º 268 Ovar—Domingo 26 de Junho de 1892 Anno

O POVO D'OVAR

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs. com estampilha..... 600 rs.
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.
Pagamento adiantado

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Annuncios e communicados, a 50 rs. linha.
Repetições ..... 25 rs linha.
Annuncios permanentes 5 »
Folha avulso..... 40 reis

Redacção e administração Rua d'Arruella n.º 119

Director e editor—*Francisco Fragateiro*

Administrador—*Antonio José Pereira Zagallo*

Séde da imprensa Rua da Fabrica, n.º 11—Porto

UNIR FILEIRAS

Nem tudo está morto entre nós. A epocha de desenfreadas ambições e de requintado utilitarismo ainda não conseguiu matar de todo o amor da patria.

Ahi está uma prova bem palpavel no protesto unanime da intervenção extrangeira pelo que respeita á intervenção das potencias no modo como administramos os negocios internos.

A politica e o amor proprio pessoal fazia com que os partidos discutissem ás vezes com calor a medida dictatorial do governo pela qual se regeitou o convenio. Attaque e defeza punham-se já na imprensa d'um modo acerrimo quando rebentou a noticia da nota do governo allemão quanto á reducção do juro da divida externa.

Verdadeira ou falsa essa nota teve como effeito espicaçar o brio nacional, terminar as dissidencias. E desde então só se ouviu por toda a imprensa a voz de *unir fileiras* em torno da bandeira da patria. A politica, o interesse proprio cedeu o logar a um sentimento nobre, ultruista.

Famoso exemplo que dá um povo que ainda vive independente, que quer conservar a sua autonomia. Quando os partidos assim procedem, fazem-se muitos erros comettidos no seu passado, e a sua nobre isenção é digna de registrar-se.

*

Unamos bem as fileiras e que em todos os portuguezes haja só uma ideia—defender o governo, porque elle hoje concretisa em si as aspirações do paiz.

Bom ou mau o seu acto merece que incondicionalmente o approvemos, porque não só foi bem recebido por todo o povo, mas ainda iriamos dar aos extrangeiros, que nos pretendem ferir, armas para o combate. Dilacerando-nos cahiriamos, porque na desunião perderiamos a força.

Affastemos a trovoada que vem ao largo, e depois, quando o ceu estiver lizo, liquidaremos entre nós a responsabilidade de cada um. Só assim teremos força para inspirar aos outros o respeito devido: só assim teremos força para repellir qualquer attaque ao nosso brio.

Nem muito será preciso, agora que todos estão compenetrados dos seus deveres, as paixões instantes se acalmaram. Persistir no caminho uma vez encetado será bastante.

*

E com que direito viriam as potencias estrangeiras intervir nos nossos negocios internos?

Não fez já á Hespanha *ponto* na sua divida? Não foram tambem os prestamistas portuguezes seriamente prejudicados nos seus interesses? E os prejuizos d'esses credores não originou uma crise intensa nos nossos mercados?

Comtudo tanto o governo portuguez como o demais conservaram-se isentos a todos esses prejuizos. Não levaram a sua acção a compellir a Hespanha a satisfazer aos seus compromissos.

Para nós agora pedem exactamente o mesmo. Façam o que nós fizemos.

Porque somos uma potencia de segunda ordem, não é isso o bastante para supportar a intervenção dos estranhos. O direito internacional não póde ser differente applicado a um e outro paiz só porque este tenha menos força do que aquelle. E nem os credores estrangeiros dispõe de semelhante importancia que possam coagir os seus respectivos governos a dar um golpe de mão, só porque especuladores audaciosos comprometteram alguns dos seus cabedaes em emprezas mais ou menos arriscadas.

Um só facto basta para nos justificar-se fazemos *ponto* é por que não podemos pagar.

Ninguem duvida de que honrámos até á ultima os nossos compromissos. A nação, supportando mais um imposto onerosissimo com resignação stoica, deu prova cabal de que a sua vontade era continuar a pagar. Mas ninguem póde exigir de nós o impossivel.

Conscio pois dos nossos deveres, tendo por nós a justiça, unamos fileiras em volta da bandeira da patria.

Novidades

Exames.—Fizeram exame de francez os estudantes Abel Fragateiro de Pinho Branco e Arnaldo Candido Duarte da Silva; e acto do 1.º anno juridico na Universidade de Coimbra, Arnaldo Candido Duarte da Silva.

Aos estudantes e suas familias damos sinceros parabens.

Festividades.—Na villa teve logar a festividade do Coração de Jesus, velho, na capellita da Senhora da Graça ás Pontes.

Pela manhã houve missa solemne a grande instrumental, e á tarde a procissão, onde figurou a nova imagem.

E' caso para admirar como esta confraria administra os seus proventos. Tende uma receita insignificantissima, os intelligentes mesarios conseguem realisar melhoramentos importantes, quer obtendo esmolas, quer realisando economias.

E' um exemplo digno de seguir-se por todas as demais corporações, a que esta podia servir de modelo.

—Em Vallega na quinta e sexta-feira houve arraial na capella de S. João, arraial concorridissimo onde tocavam duas philarmonicas—a de S. João da Madeira e a de S. Vicente.

O largo fronteiro á capella estava vistosamente adornado.

Doença.—Esteve um pouco incommodada, mas agora entrou em franco restabelecimento a virtuosa esposa do nosso prestante amigo o sr. Francisco Peixoto Pinto Ferreira.

—Tambem fez no Porto operação ao olho esquerdo o nosso bom amigo e um dos mais sympathicos lavradores de Vallega, sr. Antonio d'Oliveira Martins.

Estimamos que a operação dê os melhores resultados possiveis e que breve possamos vêr aquelle nosso amigo entre nós.

Visita.—Estiveram na nossa villa o ex.mo sr. Bernardo da Costa Bastos e seu filho Bernardo Augusto da Costa Bastos.

Pesca.—Foi esta semana lucrativo o trabalho da pesca na nossa costa. Em alguns dias os lanços excederam a 130$000 reis.

Houve bastante sardinha e *espadilha*, porem o preço d'esta desceu muito e quasi foi empregada no adubo das terras.

Condemnação.—Na 4.ª feira foi condemnado em policia correccional Manoel Soranho, d'esta villa, porque conduzindo um carro de bois, abandonou o carro e em virtude d'isto foi atropellada uma creança.

A sentença que teve especialmente em attenção reprimir a frequencia dos atropellamentos que entre nós se estão dando, e ainda a gravidade dos ferimentos da creança, deixou o reo condemnado em 75 dias de prisão correccional.

Ahi fica um aviso aos carreiros, que são obrigados a andar na frente dos carros a distancia não excedente a 1,metro 50 da soga dos bois. Tenham pois cuidado.

A bica.—Vamos fazer uma rectificação d'estalo.

A bica, a famosa bica da Praça, já deita agua. Principiou no seu officio, na sexta-feira da semana passada.

Mas a final nós é que não percebemos bem, como é que a bica deita agua e o Neptuno do Chafariz está ás moscas.

A canalisação está concertada para uma e não para o outro!

Isto é que não póde ser—ou bem que pucha para todos ou bem que não pucha para nenhum.

Ficar a bica toda lampeira a esguichar agua, e o Neptuno a apitar, não é admissivel á face da Carta Constitucional.

Ahi está o nosso protesto, porque verdade, verdade, nós cá somos pelo Neptuno, uma obra d'arte que depois da caiadella subiu dois pontos em merecimento.

As manifestações politicas.—Ha dias o sr. administrador do concelho mandou chamar á administração o regente da philarmonica Boa-União, o sr. Luiz Valerio de Souza Brandão, sob o pretexto das licenças das musicas. Afinal o sr. administrador chegou ao ponto principal e era perguntar ao sr. Valerio se estava por nós convidado com a philarmonica para a manifestação politica d'hoje. Tinha s. ex.ª provavelmente tenção de prohibir que a philarmonica tocasse, se os nossos amigos se reunissem em S. João.

Fique o sr. administrador do concelho socegado. A manifestação politica d'hoje não se faz, unicamente porque o sympathico chefe do nosso grupo, o sr. dr. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente está de lucto rigoroso. E como a manifestação tinha por alvo unicamente cumprimentar o nosso chefe e mostrar-lhe quanto é sympathico a todos os seus correligionarios e dedicados amigos, deveria realisar-se em sua casa. Ora esta manifestação politica dos seus amigos, que se queriam fazer acompanhar pela philarmonica Boa-União, é incompativel com o lucto.

Não tinham os nossos correligionarios pensado n'isto quando aprasaram a manifestação para hoje e por isso tiveram de revogar o que decidiram em S. Dohato.

A não ser isto a manifestação havia de fazer-se, quer o sr. administrador quizesse quer não, porque todos se conservariam dentro da lei e do respeito devido. E nas outras ideas oppostas perfilha o nosso grupo.

Saberemos sempre ter a maxima consideração pelas auctoridades constituidas, emquanto essas auctoridades se conservarem dentro da esphera das suas attribuições legaes: do contrario, violencias não as toleramos a ninguem. Somos os primeiros a pedir ordem e respeito, mas desde que a desordem e desrespeito se implantam tambem não será isso motivo para não proseguir nos nossos planos.

Pois se o sr. Aralla pode ir a S. Donato com musica e foguetorio, embora sem o acompanhar povo, não poderemos nós ir cumprimentar o nosso chefe levando comnosco uma musica?

Por Deus, que isso ninguem admitte. A lei que é para nós é para todos.

Não nos faltaria occasião para manifestações; e para então convidamos o sr administrador do concelho a ser prudente como até agora tem sido.

Não vale a pena provocar. Se o fizer arrepende-se, creia.

Ditos — Ainda d'esta vez não vão os ditos. Não é por falta de espaço, é por falta de tempo.

Os dramas do amor—Ante-hontem, ás sete da manhã—participam de Valencia—commetteu-se aqui um crime horrivel d'esses que tem o triste privilegio de preoccupar fuudamente a attenção publica e são por muito tempo o objecto obrigado das conversações.

Narremos o sangrento drama:

*

Havia algum tempo que José Alventosa, 28 annos, carpinteiro, mantinha namoro com uma rapariga muito bonita, da mesma edade d'elle, approximadamente, e chamada Concepcion Garsón.

A mãe da rapariga, Francisca Lopez, oppunha-se aos projectos matrimoniaes dos dois namorados pois contratara o casamento da filha com um viuvo rico, que desde alguns mezes cortejava a Concepcion e promettera desposal-a em determinada epoca.

Concepcion amava cegamente o carpinteiro, e solemnemente lhe jurara não pertencer a outro, mas ao mesmo tempo, para não desgostar a mãe, e com receio de que se lhe aggravasse uma enfermidade de que a velha soffria, foi ouvindo as frases galantes do viuvo, até que, afim de fugir á intoleravel situação em que vivia martirisada pelos ciumes de ambos, se decidiu a dizer ao carpinteiro que sempre aceitava a mão do outro.

*

As palavras de desengano de Concepcion produziram em José Alventosa o effeito que era de esperar. A scena que succedeu foi violenta, terrivel: Alventosa, em frases duras e ameaçadoras, recordou á namorada as suas solemnes promessas. Cacepcion envergonhada pelas justas recriminações do namorado, baixava a cabeça e não tinha palavras com que soubesse desculpar-se.

Então a mãe da rapariga, que de um aposento proximo ouvia o enfurecido Alventosa, entrou de improviso e, em tom desabrido, defendeu a filha e mandou pôr fôra o carpinteiro.

Este, cego de furor, puxou de um revolver e, rapidamente, disparou dois tiros sobre a mãe e filha. prostando-as, mortalmente feridas. Depois, aterrado com o duplo crime que acabava de perpetrar, voltou a arma contra si e despedaçou a cabeça com terceiro tiro.

A's detonações, acudiram alguns visinhos, que deram logo rebate ás autoridades.

*

A sala onde se commetteu o triplice crime apresentava um aspecto horroroso.

Francisca Lopez, já cadaver, jorrava muito sangue por um larga ferimento que a bala lhe fizera na cabeça.

A Concepcion ainda respirava mas pereceu ao ser transportada ao hospital.

Alventosa tinha a cabeça horrivelmente despedaçada. N'uma das algibeiras encontrou-se-lhe uma carta em que fazia recriminações á namorada.

Um relogio garantido por cem annos.—Um mechanico de Berlengen, na Allemanha, construiu um relogio, garantido que póde andar 9:000 annos sem necessidade que lhe dêem corda.

Claro está que não se póde exigir a garantia se o relogio parar no periodo de cem annos.

Ora outro mechanico americano, despeitado por este invento, fabricou outro relogio que andará durante a eternidade.

O *yankée* diz que utilisou para o seu instrumento a força da gravidade da terra. Do relogio apenas se vê a esphera de crystal, os ponteiros, o eixo que os sujeitou e a corda que está suspensa da esphera.

Um bailado sobre a lama.—Na epoca e sob o imperio de Nicolau I, como os nossos leitores sabem, não havia caminhos de ferro na Russia.

Regressava, pois, a esse tempo de Petersburgo a França a celebre bailarina Taglioni, mais tarde condessa Gilber des Voisius, quando, proximo de Dunabeurg, Livonia, uma quadrilha de salteadores fez parar a sege de posta.

Ao saber o capitão da quadrilha que a sua prisioneira era a celebre bailarina, mandou accender uma fogueira, cobriu a estrada com um tapete, e a Taglioni, que vestira as sainhas de cambraia e o *maillot* côr de carne dentro da carruagem, começou a dançar um bailado sob um forte aguaceiro e ao som de uma trovoada.

Tal enthusiasmo produziram no faccinora-mór a formosura e o bailado da Taglioni, que a poucos minutos cahiu de joelhos deante d'ella e lhe beijou a mão, ajudando-a a subir para a carruagem.

A bailarina salvou a vida e as riquezas que levava comsigo, a troco d'uma forte constipação.

O convento de Arouca—Foi transferido do convento de Arouca para a repartição de fazenda de Aveiro o importante archivo d'aquelle mosteiro, cujo rendimento, só em fóros se calcula superior a quatorze contos de reis annuaes.

Sellos de franquia.—Os sellos de franquia de 80 reis de novo typo, serão postos á venda continente do reino, em 1 de julho, e nas ilhas dos Açores e Madeira, em 1 de Agosto proximo futuro. Os antigos são validos no continente até 30 e nas ilhas até 30 de agosto, e o praso para a troca no continente até 29 de agosto e nas ilhas até 29 de setembro.

Miseria.—Conta um jornal de Lisboa:

«Um senhorio da travessa da Palmeira, poz ha dias na rua, por falta de pagamento, uma pobre familia, com todos os seus parcos haveres, que ficaram encostados ao passeio.

Por compaixão, os inquilinos do predio n.º 26 permittiram que na sua escada fossem guardados os tristes cacos, emquanto a desventurada familia não arranja casa.

Esta familia dorme pelos bancos das praças publicas.

E' triste».

Salva por um milagre—Referem d'Oliveira d'Azemeis que, na segunda-feira, quando uma filha de José Tavares Brandão do logar do Serro, freguezia d'Ul, extrahia agua de um poço por meio de corretã, desequilibrou e cahiu dentro do mesmo; mas com uma felicidade tal que não recebeu qualquer contusão, até a cantara, que cahiu após ella, nem sequer lhe tocou. O pae, que estava a alguma distancia, presenciando a occorrencia correu em soccorro da filha, e, lançando-lhe um balde preso á extremidade d'uma corda, pôde salval-a.

OS DOIS BOHEMIOS

(A MABAL)

A Lua pairava além, serena e fria!...
Batia-nos na alma os raios do luar;
Cantos de creança ao longe a prepassar...
E o mar inquieto o dorso sacudia.

D'um regato a agua em espiraes cahia,
Junto d'uma fonte velha, a deslizar...
Bandos de pequenas lá iam para o mar;
E n'um banco as cartas do namoro lia.

Oh! não te recordas d'esse tempo anil,
A exhalar perfumes de manhã d'abril?!..
Eu em nada creio, quando a pensar ponho:

(N'essas noites bellas, cheias, pequeninas
Que têem dos olhos, brilho das meninas;)
Amigo tu crê
A Vida é um Sonho.

Junho—8.

Spinola.

COUSAS

—O logar, dizia um protector a um novo empregado, tem pequeno ordenado, mas é um logar de confiança. Basta dizer que lhe passa pelas mãos vinte contos de réis n'um dia.

O novo empregado modestamente:

—Sendo assim, nem preciso de ordenado.

*

Uma menina muito ingenua confessava-se de ser por vezes desobediente a seus paes.

—Mas, minha filha, lembre-ee de que foram elles que lhe deram o ser.

Ella, baixando pudicamente os olhos:

—Lá isso é verdade; mas não foi para me fazerem favor.

*

Um joven pintor a seu tio.

—Bem sabe que preciso de modelos e que não tenho real para lhes pagar. A arte tem d'estas exigencias.

—Não tens modelos? Vê lá se eu sirvo...

—Nada. Quando eu pintar a *avareza* fallaremos.

*

—Confias em mim, Luiza?

—De todo o meu coração, Jorge, de toda a minha alma, de toda a minha vida.

—Ah! não seres tu o meu alfaiate.

*

Juiz: Magistrado que *julga* que sabe *julgar*.

*

Um individuo dizia n'uma reunião de amigos:

—Não ha, senhores, quem corra mais do que eu.

—Porque? lhe perguntaram.

—Porque me chamo Lebre de appellido, e uma lebre não se deixa agarrar facilmente.

—Agarro-o eu contestou um dos da reunião, pois me chamo Galgo, e a um galgo não lhe escapa facilmente uma lebre.

*

Um zelador municipal vendo passar um vendedor de leite com uma cabra:

—Ó homem, pare lá, preciso verificar o leite da cabra.

O homem, um tanto admirado de semelhante imposição. ordenhou um pouco de leite e apresentou-o ao zelador. Depois de o ter verificado com o leitometro, disse:

—Não tem agua, póde continuar a veudel-o.

*

Na rua.

— Cavalheiro, permitta-me uma pergunta.

—Tenha a bondade de a fazer.

—O cavalheiro traz uma dentadura postiça, não?!...

—Sim, senhor, trago...

—Faça o favor de se rir.

—Pois não. Ah! ah! ah!...

—Isso mesmo. N'essa dentadura reconheci dois dentes da minha sogra, que morreu ha dois annos.

Litteratura

UM AMOR DE LADRÃO

Ha uns poucos d'annos que isto aconteceu, mas nunca o esquecerei em toda a minha vida. Era eu n'esse tempo uma rapariga forte e saudavel de dezenove annos, e diziam-me bonita. Era creada de servir, mas o meu amo e minha ama eram como pae e mãe para mim, e eu dava a minha vida por qualquer d'elles. Meus paes tinham morrido, e tive que trabalhar para viver quando era nova. Na idade de dezenove annos tinha boa casa, amigos bondosos e amaveis, e vivia feliz e contente. Viviamos n'uma casa velha situada no campo, s sendo horrorosa e isolada no inverno, era mais agradavel no verão.

A cidade mais proxima estava a duas ou tres leguas de distancia, por isso eu não ia lá muito a miudo, porque tinha que se andar quasi uma legua para se chegar á estação do caminho de ferro mais proxima. A ultima vez que alli fiz o passeio foi infeliz para mim. Meu amo dava uma festa em honra da proxima maioridade de seu unico filho, um rapaz, que na semana seguinte ia fazer vinte e dois annos de idade.

Fui á cidade comprar um vestido novo e outras coisas para festejar o acontecimento, porque era tratada mais como filha do que como creada. Arranjei todas as minhas coisas, e estava na plataforma da estação esperando pelo comboio de retorno, quando um rapaz bonito e bem vestido me dirigiu a palavra, mas quasi no mesmo instante me pediu perdão.

—Enganei-me na pessoa, disse elle. Travámos conversação, e o resultado foi acompanhar-me a casa. Foi este o nosso primeiro encontro mas não o ultimo. Por muito tempo nos reunimos uma vez por semana perto do sitio onde eu vivia. Uma noite, cerca de dois mezes depois da festa de meus amos, disse-me elle que seu pae possuia largos rendimentos, e que era um homem riquissimo.

—Não poderei vel-a agora tanto a miudo durante algum tempo, explicou elle, como meu pae está muito doente, precisa que eu lhe olhe pelos seus negocios até que melhore. Tenho que viajar, e assim não posso dizer ao certo quando a poderei vêr; mas escrevo-lhe e dir-lhe-hei quando regresso.

Depois d'isto não nos encontramos tanto a miudo; passava-se ás vezes um mez entre os nossos encontros. O filho de meu amo casou-se, e foi viver para uma pequena casita que distava mais de um kilometro da casa de seu pae. Algum tempo depois, sua mulher recebeu uma carta que dizia que sua mãe estava moribunda, e se a queria vèr com vida devia partir immediatamente. Ella e seu marido foram para o porto de mar, a seis leguas de distancia, onde a pobre mulher estava moribunda, e chegaram exactamente na sccasião de a vêr soltar o seu uitimo suspiro. Emquanto estavam fóra, a creada tinha medo de dormir sósinha na cass, por isso ficou combinado que ella tomaria o meu logar e eu vigiaria a casa e alli dormiria até que elles voltassem. Eu não era medrosa; e como não tinha muito trabalho para fazer, passava a maior parte do meu tempo a lêr.

Uma noite, perto das nove horas, quando estava sentada a lér á luz do candieiro, sentime assustada pela primeira vez na minha vida. Lembrou-me immediatamente que eu, uma rapariga, estava sósinha n'uma casa por minha vontade, no pino do inverno, longe de qualquer auxilio, desprotegida, e completamente á mercê de qualquer malvado. Puz de lado o livro, porque não podia lêr mais palavra, e procurei voltar os meus pensamentos para outro assumpto. Pensei no meu namorado, e admirei-me de que elle estivesse ausente por tanto tempo, visto que já tinham passado seis semanas desde que o vira pela ultima vez.

Ouvi immediatamente rumor na sala de visitas. O meu coração deixou um momento de palpitar. Repetiu-se o rumor, não me tinha enganado. O que seria? Resolvi-me a ir saber. Dirigi-me devagarinho ao corredor e espreitei pela porta da sala. O gaz ardia com toda a intensidade, e um homem com uma mascara na cara estava á meza coberta com a baixella de prata e os presentes de casamento. Sem pensar nas consequencias do meu procedimento precipitado, lancei-me na sala e agarrei o homem pela gola do casaco.

—Ladrão! Salteador! gritei eu.

Ficou elle por um momento tão espantado e tão surprehendido que nem sequer se moveu nem fallou.

Porém, voltou a si promptamente, e com os seus fortes braços agarrou-me. Na lucta cahiu-lhe a mascara do rosto, e vi e reconheci o meu namorado!

—Alberto!

—Emilia!

Cahi assombrada e quasi desmaiada n'uma cadeira.

—O que quer isto dizer? Porque está aqui? perguntou elle espantado.

—Não para roubar, murmurei.

—Oh! Emilia, não me falle assim, diga-me que me promette uma cousa, e eu conto-lhe tudo.

—Oh! Alberto; não posso; não, não posso prometter cousa alguma.

—Não digo isso. Prometta-me dizer que não me desprezará, diga que nunca me denunciará, que nunca revelará a acção d'esta noite a viv'alma; e serei seu escravo durante toda a minha vida.

—Se sahir d'esta casa e nada levar do que lhe não pertence, nunca direi nada.

—Assim farei; e o ceu a abençôe pela sua boa acção. Emilia, póde-me perdoar?

—Hei-de tental-o.

—Hade tental-o, só isso? Então estou perdido! exclamou elle com desespero.

Quando levantei os olhos, tinha desapparecido. Passarei em claro os dias de aagustia que se seguiram. Cumpri a minha promessa, e nunca disse a ninguem e quando o filho de meus amos e sua mulher regressaram, encontraram tudo como tinham deixado, e parece que nunca tiveram a minima suspeita do que tinha acontecido. Não havia portas nem janellas partidas, porque o supposto ladrão tinha simplesmente aberto a porta com uma gazua, emquanto eu lia attentamente o meu livro.

Por muito tempo não vi nem ouvi nada a respeito do meu namorado. Um dia perto de tres mezes depois d'aquella miseravel noite, recebi um carta d'elle concebida nos seguintes termos:

Querida Emilia

«Não ponho em duvida que lhe havia de parecer muito estranho o meu procedimento n'aquella noite, a ultima vez que a vi, e que se admire dos meus singulares modos em differentes occasiões. Explicarei e confessarei tudo. Não sou o homem porque me tomou, um digno e honrado rapaz, longe d'isso. Sou um ladrão e ha dez annos que o sou. Nasci no bairro mais miseravel de Marselha, fui educado por um pae e por uma mãe bebedos, e ensinado por elles a roubar, e a fazer tudo que era mau. Na idade de dez annos fui apanhado n'uma das minhas proezas, e mandado para uma casa de correcção, onde aprendi a lêr e a escrever. Fugi d'alli, e dirigi-me a Paris, onde entrei na minha pessima carreira. Quanto mais idade tinha, mais perverso me fazia, e passei a maior parte da minha vida na cadeia. Defraudei, joguei, roubei, e fiz tudo de que um criminoso é capaz.

«Vivi quasi só como assassino, meu companheiro, o unico homem com quem me importei; era um assassino, e foi enforcado pelo seu crime. Devia isto ser um aviso para mim, mas não foi,

porque me tornei ainda peior. Vagueei annos pelo campo, não me importando com ninguem; ás vezes nadando na abundancia, d'outras vezes quasi morrendo de fome. Quando a vi pela primeira vez tinha dinheiro em abundancia, proveniente d'um roubo da noite antecedente. O seu formoso rosto despertou os meus melhores sentimentos, e melhoraria o meu espirito, se eu podésse conquistar o seu amor; arrepender-me-hia e tornar-me-hia um hemem honrado. Nos dois mezes seguintes fui honrado, e procurei alcançar trabalho mas não consegui.

Acabára-se-me o dinheiro, e não sabia o que havia de fazer, e não me atrevi a explicar e a dizer-lhe em que situação me via. Tel-a-hia perdido. Resultava d'ahi que tinha que escolher entre o roubo e o morrer de fome. Escolhi o primeiro, que outra coisa podia eu fazer? Quando lhe disse que meu pae era rico, que estava doente, e que precisava de mim para lhe tratar dos negocios menti-lhe. Meu pae era um ladrão e acabou os seus dias na cadeia; e minha mãe era uma bebeda, e estava enterrada n'uma pobre supultura. Quando lhe disse isso, era unicamente para explicar, a minha ausencia e para ter occasiões de seguir a minha vocação abominavel. Nunca teria tornado a roubar, mas era obrigado a isso. Tencionava juntar dinheiro; trabalhar para isso; roubal-o, alcançal-o por algum meio: e então quando eu tivesse juntado bastante, casar comsigo e viver d'ahi em diante honradamente. Pensei que nunca saberia o que eu fôra, e que se quizesse seria um homem honrado o resto da minha vida.

«Estavam assentes todos os meus planos n'aquella noite na casa onde a encontrei. Emilia, juro-lhe que não sabia que estava n'essa casa. Tinha-lhe escripto na vespera que iria vêl-a ás oito horas d'aquella noite. Fui, e esperei, mas não a vi. Quando me dirigia para a estação do caminho de ferro, passei pela casa, e reparei que estava ás escuras. Pensei que os seus habitantes se tinham retirado ou que tinham sahido por algum tempo. Era uma grande tentação para mim, e decidi-me a roubar. Foi o maior erro que em toda a minha vida commetti. Entrei pela porta da frente que abri com uma gazua que trago sempre comigo. Sabe o resto.

«Depois d'aquella noite foram para mim mais miseraveis do que nunca os dias da minha vida. Se eu pensasse que me perdoaria, tinha-lhe dito tudo; mas não teria soffrido uma censura pronunciada pelos seus labios. Depressa puz de lado toda a ideia e toda a esperança de vir alguma vez a ser um homem honrado, e pensando maduramente, resolvi-me a ser assassino. Não podia soffrer a ideia de que sabia que eu era um ladrão. Não se trata do que tenho sido. nem do que sou; ameia sempre, amo-a ainda, amo-a como nunca ninguem a póde amar, mais do do que á minha vida propria. Será esta a ultima vez que ouvirá fallar de mim. Adeus, Emilia. Receba o meu ultimo adeus.»

Desappareceu-me toda a alegria da minha vida quando acabei de lêr essa carta. São decorridos muitos annos, e sou velha agora; mas ainda que vivesse mais cem annos nunca me esqueceria de que fui objecto do amor d'um ladrão.

Emilia Berton.

CHRONICA

Que monotonia!

Como é semsaborica a vida vareira!

Desde a manhã até ás cinco ou seis horas da tarde, trabalhar sem descanço, e depois... depois vai-se até á Praça.

Na *Havaneza* discute-se politica e eu, que sou estranho a essa materia, retiro-me descontente e vou até ao *Chiado*. Ahi desanimação completa ; os rapazes andam dispersos pelas ruas da villa, gastando as solas na calçada e rompendo a aba do chapeu á força de cumprimentos; e, se algum por ahi está, um tem uma unha encravada, outro tem uma *pontada*, a outro dóem-lhe os callos, emfim, é um lugubre concerto de queixumes. Eu, que não gosto d'ouvir fallar em coisas tristes, vou então até ás pontes; e ahi tambem, a não ser que os assiduos frequentadores do local nos dêem *dois dedos de cavaco*, que se anima com a chegada momentanea de um ou outro, que diz passados instantes: «Adeus; vou para casa; vou ler... o *Egypto*; a não ser isto, é como nas outras partes, uma semsaboria.

De sorte que o chronista quer alinhavar uma chronica, e vê-se a braços com a escassez d'assumpto.

Se não fôra a *sorte* do chronista *Jayme*, não poderia hoje escrever-vos a chronica, leitoras ; graças, porém, á tal *sorte*, vou principiar a escrever, não uma chronica, porque seria loucura chamar-lhe tal, mas algumas linhas, que possam por hoje supprir a falta da dita.

*

O homem dos *pãosinhos* d'esta vez mostrou-se *pãosinho;* quero dizer, honrou-me com uma *carta-chronica* de noventa linhas!!

Caspité! noventa linhas!! Eu nunca julguei ser merecedor de semelhante honra.

Pelo que vejo tenho importancia. Merecer uma carta especial de noventa linhas já é!!...

Só se o homem não tinha original e quiz então ver *incerta* (!) no seu jornal uma carta dirigida á minha pessoa, carta que está repleta de phrases *lindas*, que parecem pinçadas a custo de reminiscencias mal seguras.

Pois olha, *Jayme*, fallando-te com a franqueza d'amigo, digote que, se hoje tivesse assumpto para uma chronica, não me occupava a escrever estas linhas para te dirigir, acredita-me.

Mas não havia assumpto a não ser as *festas*, e isso descreves tu com singular pericia nas tuas chronicas; portanto, para não dar ás minhas leitoras o ensejo de me marcarem uma falta, principiei a escrever, não para te responder, porque isso nunca eu te fiz, nem tenciono fazer, mas para encher dois *linguados*, que o typographo vai encimar com a palavra—Chronica.

*

Então tu sempre estás resolvido a deixar as tuas leitoras a *ver navios?...*

Estás resolvido a fechar os olhos, quando eu te levantar a *capinha?!*

Não; tu não fazes isso, porque não tens genio para tal. Tu has de sempre arremetter contra ella, embora tenhas de supportar as *farpas* agudas dos *toureiros eximios* (aos quaes eu não pertenço) e de os ver n'um instante por detraz da tr ncheira.

E como estás *embolado* não poderias ferir nenhum, ainda que por acaso o alcançasses.

Mas continúa, homem, continúa, porque Ovar não póde passar sem a tua *sorte*.

E que seria d'Ovar, se lhe faltasse a *sorte* do *chronista Jayme?!*

Ovar nunca deixaria de *chorar maguadissimo* a falta da *sorte* do *Jayme*.

E por isso, meu Jayme, *meu peccado bem amado*, não deixes nunca de mimosear-nos nas tuas chronicas com um bocadinho da tua... *sorte*.

E, quando luctares com difficuldades por falta d'original, pódes escrever umas cartinhas, que serão sempre bem recebidas.

Termino, pedindo ás leitoras desculpa, não só para mim, mas tambem para o *Jayme*, porque, como sabem, *não ha cego que se veja...*

Contando com a vossa benevolencia, digo-vos adeus até á semana.

Luiz Arauto.

ANNUNCIOS JUDICIAES

ARREMATAÇÃO

(1.ª publicação)

No dia desesete de Julho proximo, pelo meio dia, á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca d'Ovar, vae á praça para ser arrematada por quem mais offerecer sobre o seu valor no inventario orphanologico a que se procede por obito de Joanna da Silva, que foi da rua do Pinheiro, d'Ovar, sendo todas as despezas á custa dos arrematantes, a seguinte:

PROPRIEDADE

Um palheiro ou caza de taboas, sito na Costa do Furadouro, d'esta freguezia de Ovar, alludial, que confronta do norte, sul e nascente com as areias, e poente com Antonio Charinho no valor de reis 18$020.

São citados quaesquer credorés incertos.

Ovar, 23 de Junho de 1892.

Verifiquei
O juiz de direito

Salgado e Carneiro

O escrivão
João Ferreira Coelho (150)

Annuncios

CAZA

Vende-se na rua dos Campos uma casa alta pertencente a Ignacio Maria da Costa e Pinho. Tem quintal e poço.

Gazeta dos tribunaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fôr promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não podér conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes)..... 1$200
Por duas series (um anno) 2$400

Não se acceitam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real·

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, veem por este meio testemnnhar o seu eterno reconhecimento a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de sua irmã e tia, Rosa d'Oliveira Mendes.

Ovar, 18 de Junho de 1892.

Thereza d'Oliveira Mendes,
Rosa d'Oliveira da Piedade Pinto,
José Maria Gomes Pinto,
Eliza da Piedade Gomes Pinto,
Manoel Gomes Pinto.

MISSA

Manoel d'Oliveira Martins, pede ás pessoas da suas relações a fineza de assistirem a uma missa que se celebrará na proxima quinta-feira 30 pelas 7 horas da manhã, na egreja matriz, por alma da sua sempre chorada filha Maria José d'Oliveira Vaz.

Ovar, 25 de junho de 1892.

GRANDE BARATEZA

ANTONIO DE SOUZA CAMPOS

RUA DA GRAÇA (ás pontes)

OVAR

Faz lembrar aos seus amigos e ao ill.mo publico, que tem no seu estabelecimento um lindo e variado sortido de fazenda de lã e d'algodão, bem como miudezas, chapéus e guardaçoes, colarinhos, punhos etc, etc., que vende por os preços antigos.

Tem além d'isto um lindo e variado sortido de flanellas d'algodão, cachenés, pannos familia e domesticos, chitas pretas, brancas e de côr; riscados, zephires, lenços de malha, de merinos d'algodão, chailes pretos e de côr, merinos pura lã, grande sortido de casturinas o que ha de mais moderno, flanellas de lã, picotilhos, cheviotes e cazemiras pretas e de côr, nacionaes e estrangeiras, etc , etc.

Fitas para capuchos, colletes d'espartilho, sapatos de liga e ourello, camizollas de malha, de lã e d'algodão tanto para homem como para senhora, botões de phantasia pretos e de côr, para casacos de senhora, guarnições de seda e de lã para os mesmos, bonets em todos os feitios para criança, toucas, etc.

E além d'isto muito mais coisas que é impossivel annunciar.

Aproveitar pois, que fazendo assim baratas pouco tempo as compram; em vista dos cambios estarem altos e os novos direitos na alfandega.

Encarrega-se tambem de qualquer encommenda tanto do Porto como de Lisboa.

LÉO TAXIL

OS MYSTERIOS

DA

FRANC-MAÇONARIA

VERSÃO PORTUGUEZA DO

P.E FRANCISCO CORREIA PORTOCARREIRO

Com uma dedicatoria
do auctor a sua magestade

A RAINHA D. AMELIA

Com auctorisação do em.mo e rev.mo sr.

CARDEAL D. AMERICO

BISPO DO PORTO

Obra que mereceu um breve
de S. Santidade Leão XIII, animando-o,
e abençoando-o, e que foi louvado
pelos ex.mos e rev.mos srs.

Arcebispo de Paris, Arcebispo de Rennes, Bispo de Montpellier, Bispo de Coutances, Bispo de Seez, Arcebispod e Gran, Arcebispo de Turim, Bisbo de Soissons, Arcebispo de Colocza, Arcebispo de Auch, Arcebispo de Napoles, Bispo de Rodez, Bispo de Bayeux, Arcebispo de Chambery, Bispo de Bannes, Bispo de Marselha, Arcebispo d'Aix.

A obra constará de dous volumes distribuida em fasciculos de 32 paginas de texto com quatro ou mais gravuras. Preço de cada fasciculo 100 reis, pagos no acto da entrega; para as provincias é franco de porte. Os assignantes da provincia pagarão de cinco em cinco fasciculos, enviando-se-lhes n'essa occasião o competente recibo. Concluida a publicação será elevado o preço.

Distribuir-se-hão tres fasciculos por mez. Todas as pessoas que angariarem dez assignaturas e se responsabilisarem pelo seu pagamento, receberão um exemplar gratis.

Acceitam-se correspondentes nas terras onde os não ha; a commissão é de 20 p. c., garantindo mais de cinco assignaturas.

Assigna-se em todas as livrarias do reino e em casa do editor Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 113—Porto, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia.

BIBLIOTHECA ECONOMICA

PARA RICOS E POBRES

100 REIS CADA VOLUME

DE

300 A 480 PAGINAS

Os romances, mesmo os maiores, nunca excederão o preço de 400 ou 500 reis, como por exemplo o celebre romance OS MYSTERIOS DE PARIS, (5 volumes) que nos propomos publicar mais tarde, e que apenas custará CINCO TOSTOES!!!

Romances publicados:

Fromont Junior e Risler Senior

POR

ALFONSE DAUDET

UM TIRO DE REWOLVER

POR

JULIO MARY

A este seguir-se hão=*O Castello da Raiva* de L. Stapleau=*Um drama de revolução* de Ernesto Daudet *Mont Oriot*, de Guy de Maupassant.—*O grande industrial* e *Sergio Panine* de George Ohnet.—*Clotilde* de Alphonse Karr.—*Sapho* de A. Daudet.

CONDIÇÕES DAS ASSIGNATURA

Lisboa e Porto, cada volume pago no acto da entrega 100 réis.

Provincias, ilhas e ultramar, cada volume, franco de porte 120 réis. Pagamento adiantado.

Assigna-se em Lisboa no escriptorio da Empreza da BIBLIOTECA ECONOMICA, T. da Queimada, 35.

REPORTORIO SYNOPTICO

DA

LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA

POR

J. GARCIA DE LIMA

Cada fasciculo em formato grande, bom typo e bom papel 100 réis; pelo correio 105 reis. Requisições á Empreza Editora —LETRAS E LEIS.

A cobrança é feita por séries de seis fasciculos.—Beco da Amoreira, 9, 3.º

No prélo:—Diccionario de Jurisprudencia e Legislação Portugueza. Preço do fasciculo 100 réis; pelo correio 105 réis, pedidos á empreza editora—LETRAS E LEIS.

OS BURROS

OU

O REINADO DA SANDICE

Poema heroica-comico, satyrico, em seis cantos, reproduzido in-extenso *com todas as* liberdades *do original.*

Preço, br . . . 300 réis.

Pelo correio franco de porte quem enviar a sua importancia em estamp lhas ou vale do correio.

A' Livraria=Cruz Coutinho =Editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

AS VICTIMAS DA LOUCURA

Ultima publicação de

XAVIER DE MONTÉPIN

Versão de JULIO DE MAGALHÃES

EDITORES—BELEM & C.a 26, Rua do Marechal Saldanha 26—Lisboa.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

OS

Companheiros do punhal

POR

L. STPLEAUX

Romance dramatico da maior sensação

ILLUSTRADO

Por semana uma caderneta ao preço de 60 reis.

Publicada a 1.ª caderneta e á venda n'esta localidade e nos escriptorios da Empreza editora, 1, rua de D. Pedro V, 3 e 5, Lisboa, onde se dirigirão os pedidos.

O BARATEIRO

LOJA DE FAZENDAS

DE

ARNALDO A. DA SILVA MOURA

PRAÇA D'OVAR

Faz lembrar a todos os seus amigos e freguezes, bem como ao respeitavel publico, qua tem no seu estabelecimento um lindo e variado sortimento de fazendas de todas as qualidades, das quaes menciona:

Flanellas d'algodão, cheviotes pannos familias e domesticos, chitas pretas, brancas e de côr, riscados, zephires, lenços de varias qualidades, chailes pretos e de côr, nacionaes e estrangeiros, merinos de pura lã, castorinas as mais modernas, picotilhos, casemiras pretas e de côr tanto nacionaes como estrangeiras, camisolas de malha de lã e de algodão tanto para homem como para senhora, botões de phantasia pretos e de côr, guarnições de seda e lã, bem como muitos outros objectos existentes na sua loja, que é impossivel annunciar.

Tambem faz publico que no seu estabelecimento vende fato feito, tanto para homem como para creanças, comprehendendo calça, collete e casaco de varias qualidades e boa casemira, bem como se encarrega de qualquer peça d'obra que lhe encommendem.

Vende tudo por preços sem competidor. Portanto meus amigos e freguezes, é aproveitar antes que venham os nossos direitos d'Alfandega porque depois tudo sobe.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.º de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis 4$000—6 mezes 2$100 rs.—Numero avulso rs. 200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENELOUX, SUCCESSORES—PORTO.

MAUXICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA

ARTES E OFFICIOS

Variadas e curiosas receitas e processos de physica e chimica pratica sobre artes, Economia domestica, Photographia, etc.

RECREAÇÕES SCIENTIFICAS

Surperehendentes sortes e experiencias, Cryptographia, methodos para correspondencias secretas, 27 gravuras explicativas.

A' venda em todas as livrarias.

Preço..... 400 réis
« ..... 420 «

Deposito—Livraria Portugueza, Loyos, 56—Porto.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil

Vendem-se passagens a preços **muito reduzidos** para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, **ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.**

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

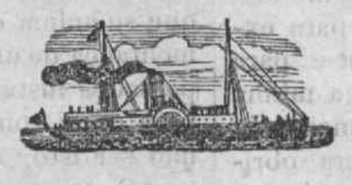
Preparam-se todos os documentos necessarios e aprom-ptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Africa Portugueza

CARREIRA DE MAGNIFICOS PAQUETES DE COMPANHIAS PORTUGUEZAS PARA A AFRICA OCCIDENTAL E ORIENTAL



Preços resumidos muito inferiores ás tabellas das outras agencias: para S. Thomé 34$000 reis; Ambriz e Loanda 38$000 reis; Benguella 142$000 reis; Mossamedes 46$000 reis.

BRAZIL

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Rio Grande do Sul, e mais portos, e pelos paquetes das Companhias Mala Real Portugueza, Méssageries Maritimes, Mala Imperial Allemã, Pacifico e Chargéurs Reunis, vende-se passagens por preços muito reduzidos. Preço minimo em 3.ª classe 27$000 reis.

Pelos paquetes das mesmas Companhias, tambem se concedem passagens GRATUITAS a familias de artistas, trabalhadores e lavradores; homens com mulher e filhos, netos ou enteados, mulher casada, com seus filhos ou netos, pae com um ou mais filhos ou netos, avó ou avô com seus descendentes, homens casados ou solteiros e mulheres casadas ou solteiras, com tanto que sejam validos e queiram ir empregar-se LIVREMENTE, nos trabalhos que mais lhes convenha, em differentes provincias do BRAZIL, os quaes teem á sua chegada ao Rio de Janeiro, hospedagem GRATIS durante 8 dias, e transporte tambem GRATIS para qualquer terra para onde perfiram ir viver.

Passagens em todas as condições e negocio tratado com seriedade.

Para esclarecimentos e contracto, dirigir unicamente em —Ovar, Antonio Conceição, praça e rua dos Campos e em Aveiro, Manoel J. Soares dos Reis, rua dos Mercadores, 23

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

Sairá em cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

EDITORES BELEM & C.a

ELEMENTOS

DE

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(Agricola, industrial e commercial)

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO

Major de Infanteria
e ex-professor do Lyceu Central do Porto

PORTO

Magalhães & Moniz—Dditores

CONSULTORIO

MEDICO-CIRURGICO

DE

MOLESTIAS DE SENHORAS E CREANÇAS

DAS MEDICAS

Laurinda de Moraes Sarmento

E

Amelia de Moraes Sarmento

CONSULTAS

Das 11 horas da manhã ás 3 da tarde

Chamadas para **PARTOS** a qualquer hora

759, RUA DO ALMADA, 759,

PORTO